
A EMERGÊNCIA DO REALISMO CAPITALISTA E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PERCEPÇÕES LABORAIS

Estudantes: Phelype Vicente Untaler Sousa (phelype.8722639@aluno.mg.gov.br); Miguel Dias dos Santos Neto (email: hosiress905@gmail.com); Ana Luiza Caixeta Viana (ana.11366233@aluno.mg.gov.br)

Orientador: Evandro de Miranda Neves (evandro@eepjis.com)

Escola: Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa

Resumo:

Com um recorte específico no mundo do trabalho, este projeto se propõe a desenvolver uma análise crítica sobre a hegemonia do capitalismo na sociedade contemporânea a partir da obra de Mark Fisher e refletir a respeito de alternativas a esse modelo. Para tanto, buscaremos compreender como o capitalismo se tornou o único sistema econômico e político considerável em muitas partes do mundo, e como essa ideologia se infiltrou e tem influenciado todos os aspectos da vida em nossa sociedade atualmente, e em especial o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Capitalismo, relações de trabalho, trabalhador

Introdução:

O mundo do trabalho passou por significativas transformações nas últimas décadas em consequência do modelo de globalização que se estabeleceu como hegemônico no mundo após a derrocada da Guerra Fria. Nesse sentido, em uma realidade com cada vez menos manifestações alternativas de rompimento com a ordem estabelecida, as demandas de reorganização produtiva surgidas a partir de novas configurações demográficas – caracterizadas pelo envelhecimento da população, taxas de natalidade decrescentes e uma diversificação de mão-de-obra que influenciam a disponibilidade e a composição da força de trabalho – somaram-se ao advento de profundas inovações tecnológicas, para sob a égide do capitalismo impor uma intensificação da exploração da força de trabalho, que reflete diretamente em toda estrutura da sociedade e na experiência individual de milhões de trabalhadores ao redor do globo.

“[...] trabalho vivo, em conjunção com ciência e tecnologia, constitui uma complexa e contraditória unidade, sob as condições de

desenvolvimento capitalista. [...] Liberada pelo capital para expandir-se, mas sendo em última instância prisioneira da necessidade de subordinar-se aos imperativos do processo de criação de valores, a ciência não pode converter-se em principal força produtiva.” (p. 122-123)

O sociólogo brasileiro Ricardo Antunes argumenta que, por estarem em posição de servidão em meio a essa onda de transformações do chamado capitalismo tardio, os trabalhadores, embora possam ter acesso a algumas tecnologias e aparentes benefícios (como a flexibilização de jornada), estão sujeitos a condições de trabalho desfavoráveis, com baixos salários, insegurança no emprego e falta de proteção social.

Diante desse contexto, apresentamos o presente projeto por entendermos que a ciência pode e deve colaborar para a transformação da realidade - desde que ela seja feita com rigor metodológico e coragem por parte dos pesquisadores.

Metodologia

Visando fomentar uma discussão crítica que ressalte os aspectos do antagonismo de classe para a transformação da nossa realidade, a presente pesquisa, por meio de uma perspectiva marxista, busca analisar a conjuntura do mundo do trabalho sob a ótica do chamado “Realismo Capitalista”, expressão difundida e popularizada pelo filósofo e escritor inglês Mark Fisher.

Entendemos que a obra do citado autor, por dialogar de maneira intrínseca com toda a dinâmica de reestruturação produtiva, a precarização do trabalho e as formas contemporâneas de exploração laboral que observamos atualmente, traz ferramentas teóricas excepcionais para o enriquecimento do debate. Pois, o próprio conceito de "realismo capitalista", se coloca como uma lente teórica valiosa para compreendermos a interseção entre a lógica do capitalismo e a percepção da realidade pelos indivíduos.

Por isso, nosso projeto procura analisar filmes (documentais e ficcionais), artigos de diferentes veículos de mídia, bem como entrevistas que possamos realizar focadas em representações do mundo do trabalho, usando como base teórica a obra de Fisher.

Mark Fisher e o Realismo Capitalista: Naturalização da Lógica Capitalista:

Em seu livro “Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo”, Mark Fisher analisa a hegemonia do capitalismo na sociedade contemporânea, expondo como essa lógica se tornou praticamente indiscutível e naturalizada. A teoria desenvolvida por Fisher

demonstra que o capitalismo tem a capacidade de naturalizar seus valores, tornando-os parte integrante do senso comum.

A naturalização ocorre quando as formas de pensar, agir e sentir do capitalismo são vistas como inerentes à natureza humana, em vez de produtos de construções sociais e históricas. Assim, o capitalismo coloniza o imaginário das pessoas ao influenciar suas percepções, desejos e aspirações, limitando sua capacidade de imaginar alternativas fora dos limites impostos pelo sistema.

A colonização do imaginário acontece através da mídia, da publicidade e da cultura popular, que moldam as narrativas, os símbolos e as representações que circulam na sociedade. Essas influências promovem uma visão de mundo centrada no individualismo, no consumismo e na competitividade, limitando as possibilidades de pensamento crítico e de imaginação política.

Capitalismo é o que sobra quando crenças colapsam ao nível de elaboração simbólica ou ritual, e tudo que resta é o consumidor-espectador, arrastando-se através das ruínas e relíquias. [...] O “realismo” aqui é análogo à perspectiva deflacionária de um depressivo que acredita que qualquer estado positivo, qualquer esperança, é uma ilusão perigosa. (FISHER, 2020, p. 13 – 14)

A naturalização e a colonização do imaginário contribuem para a manutenção do status quo capitalista, dificultando a emergência de alternativas e resistências. Elas reforçam a ideia de que não há alternativa viável ao capitalismo e de que a lógica do mercado é o único caminho possível.

Individualismo, cultura de produtividade e exaustão:

Se Fisher argumenta que vivemos em uma era em que as alternativas ao capitalismo parecem impossíveis de imaginar, resultando em uma resignação generalizada a essa ordem socioeconômica. Ao mesmo tempo, torna-se crucial compreender como essa perspectiva afeta a forma como o trabalho tem sido concebido, estruturado e vivenciado nas últimas décadas.

No contexto laboral, o realismo capitalista se reflete na acessibilidade das condições trabalhistas impostas por esse sistema econômico. Os trabalhadores são levados a acreditar que a precarização, a flexibilização e a insegurança laboral são inerentes à natureza do trabalho, criando uma resignação perante a exploração e a desvalorização do indivíduo no ambiente de trabalho.

Isso se reflete de um lado na precarização das condições de trabalho, na intensificação das dinâmicas de exploração e em um sentimento de impotência e alienação, que leva a um aumento significativo nos problemas de saúde mental.

Em sua forma idealizada, o mercado supostamente deveria garantir trocas ‘sem atrito’, por meio das quais os desejos dos consumidores seriam diretamente saciados sem a necessidade de intervenção ou mediação de agências reguladoras. No entanto, a insistência em avaliar o desempenho dos trabalhadores, e mensurar formas de trabalho que são por natureza refratárias à quantificação, inevitavelmente acabou por gerar novas camadas de burocracia e gerenciamento [...] o trabalho passa a ser orientado para a geração (e manipulação) das representações mais do que para os objetivos oficiais do próprio trabalho. Começa a gerar, mais do que o trabalho em si, todo um sistema de criação e manipulação de representações (FISHER, 2020, p.75)

O capitalismo desvaloriza o trabalho humano, tratando os trabalhadores como meros recursos ou custos a serem minimizados. Essa lógica instrumentalizada do trabalho pode levar à despersonalização e à falta de sentido naquilo que fazemos diariamente. Nessa perspectiva, o sistema capitalista incentiva uma cultura de produtividade constante, onde o valor de uma pessoa é muitas vezes medido por sua capacidade de produzir e acumular riqueza. Isso pode levar a uma mentalidade de trabalho incessante, onde o tempo livre é visto como algo a ser evitado ou culpabilizado.

Da mesma forma, o individualismo promovido pelo capitalismo incentiva as pessoas a se concentrarem em seus próprios objetivos e sucesso pessoal, muitas vezes em detrimento do bem-estar coletivo. A competição constante cria um ambiente de isolamento, onde as relações de solidariedade são enfraquecidas e o apoio mútuo é limitado. A sensação de ser apenas uma engrenagem no sistema capitalista, bem como a submissão a ritmos frenéticos de produtividade, podem gerar uma sensação de vazio existencial e contribuir para problemas de saúde mental como depressão e ansiedade.

Resultados e Discussão

O mundo do trabalho na era do realismo capitalista e da precarização é um campo fértil para análises críticas e reflexões profundas. A obra de Mark Fisher oferece ferramentas conceituais para compreendermos essa realidade complexa e desafiadora. O realismo capitalista não é apenas um específico econômico, mas uma estrutura que molda nossa percepção da realidade e limita nossa capacidade de imaginar alternativas.

No entanto, a resistência e a esperança não estão perdidas. A história está repleta de exemplos de movimentos sociais, sindicatos e coletivos que lutaram contra a exploração e a opressão, buscando criar um mundo mais justo e equitativo. À medida que exploramos as análises de Fisher e Antunes, é crucial lembrar que a transformação é possível quando registramos a influência do realismo capitalista e nos unimos para desafiá-lo.

(...) apesar da heterogeneização, complexificação e fragmentação da classe trabalhadora, as possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se originam centralmente no mundo trabalho; um processo de emancipação simultaneamente do trabalho, no trabalho e pelo trabalho (...) Todo o amplo leque de assalariados que compreendem o setor de serviços, mais os trabalhadores ‘terceirizados’, os trabalhadores do mercado informal, os ‘trabalhadores domésticos’, os desempregados, subempregados etc., pode somar-se aos trabalhadores diretamente produtivos e por isso, atuando como classe, constituir um segmento social dotado de maior potencialidade anticapitalista na luta de classes (ANTUNES, 2003, p. 216).

Este artigo pretendeu apenas arranhar a superfície desses temas complexos. Para uma compreensão mais profunda, é necessário um exame mais detalhado da obra de Fisher, bem como uma análise contextualizada das diferentes realidades regionais e setoriais do mundo do trabalho. No entanto, fica claro que a compreensão do realismo capitalista e suas implicações no mundo do trabalho é essencial para qualquer esforço de transformação social e econômica.

Somente através do reconhecimento de suas armadilhas e da busca por alternativas é que podemos vislumbrar um futuro mais humano e justo para todos.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PREVITALI, Fabiane Santana. Ricardo Antunes. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Coimbra: CES/Almedina, 2013. **Configurações**, n. 12. 2013, 241-245.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

Sugestões de correções:

Colocar o nome da escola no cabeçalho;

Colocar o texto em terceira pessoa;

Resumo deve conter de 150 a 200 palavras;

Colocar as palavras-chave;

Colocar os objetivos após a introdução e justificativa;

Na metodologia não foram apresentados os seguintes pré-requisitos: “Descreva se seu trabalho irá apresentar maquete ou protótipo no dia da apresentação na feira. Descreva também, quais foram os materiais usados na construção da maquete ou protótipo, e outros detalhes sobre o trabalho. Aqui nesta seção você deve indicar a resposta para as perguntas: como o trabalho foi realizado e qual a relação disto com os objetivos?”;

Quais são os resultados e discussões? Estão juntos com a conclusão?